

Transmissão textual e variação nas *Crónicas* norte-africanas de Zurara

MARIA TERESA BROCARDO
(Universidade Nova de Lisboa)

O tema que aqui proponho – transmissão textual (por cópia manuscrita) e variação – não é de forma alguma um tema novo. Afirmar que a transmissão textual gera variação equivale apenas à constatação de um facto desde sempre assinalado pela Crítica Textual e também pela Linguística Histórica, quando esta, forçada a reconstruir os seus dados a partir de fontes textuais, tem, de alguma forma, de proceder previamente à crítica dessas fontes. A natureza da variação gerada, isto é, o seu significado, a sua relevância, a determinar em função dos objectivos em vista, é que tem sido diversamente considerada e tem sido até objecto de alguma controvérsia.

Referirei apenas, muito grosseiramente, duas posições que a este respeito podem considerar-se extremas: a primeira, atribuível a alguma Crítica Textual chamada tradicional ou de inspiração lachmanniana, para a qual a variação gerada tem fundamentalmente um efeito “perturbador”¹; a segunda, representada por Bernard Cerquiglini, que valoriza de tal modo essa variação (a que chama “variância”), ao ponto de a considerar essencial, constitutiva da literatura medieval em romance².

Cerquiglini acusa a filologia lachmanniana de ser uma “arqueologia mecânica do lapso” e de negar ao escriba toda a “intervenção positiva e consciente” (cito, traduzindo, CERQUIGLINI, 1989, 76). A Cerquiglini censura-se, entre várias outras coisas, o ter recolhido os exemplos que o levam às suas afirmações, de belo efeito mas excessivas, exclusivamente em textos da literatura francesa antiga com um tipo de variação – “remaniement” que não se encontra noutras tradições literárias do domínio românico³.

Esta é, a meu ver, uma observação muito pertinente. Qualquer reflexão sobre transmissão textual e variação deve evitar generalizações que não tenham em conta quer os tipo de textos estudados, quer as tradições textuais concretas con-

sideradas, quer mesmo as relações eventualmente assinaladas entre tradições distintas mas relacionadas. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Jean Roudil, que num domínio bem delimitado – o dos textos jurídicos castelhanos medievais – tem escrupulosamente distinguido as diversas camadas “intratextuais” e “intertextuais”⁴, procurando então determinar a diferente natureza da variação assinalável num e noutro caso.

No meu trabalho pessoal comecei por tratar as variantes dentro de uma tradição, tendo estudado as variantes de dois manuscritos da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Zurara (BROCARDO, 1994, 195-302 e BROCARDO, 1995). Esse trabalho teve como principal objectivo determinar a incidência linguística da variação gerada pelo próprio processo de transmissão textual por cópia manuscrita e permitiu-me concluir sobre a importância das variantes enquanto dados para estudos linguísticos diacrónicos. Mas tendo o texto que estudei relações, de resto já antes notadas por estudiosos de Zurara, com outras *Crónicas* do mesmo autor, não quis deixar de continuar o trabalho sobre as variantes, alargando-o agora a uma camada intertextual. Assim, procurando não perder de vista a investigação iniciada com a edição da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* e com o estudo das variantes (intratextuais) a que já me referi, investigação que tem como o objectivo último chegar a uma caracterização do português escrito do séc. XV a partir de fontes textuais de carácter historiográfico, proponho-me agora apresentar algumas notas sobre a relação entre variação intratextual e variação intertextual.

Das obras de Zurara chegaram até nós três *Crónicas* sobre a ocupação portuguesa do Norte de África. A *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* relaciona-se intertextualmente com as outras duas. As “coincidências” com a *Crónica da Tomada de Ceuta* foram assinaladas por Esteves Pereira na Introdução à edição desta obra e, segundo este, seis dos Capítulos iniciais da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* “foram tomados” de quatro capítulos da sua *Crónica da Tomada de Ceuta*, embora quase sempre com diferente redacção e com vários passos acrescentados (PEREIRA, 1915, XLIX-L). Mas as coincidências mais notórias, porque mais extensas, são as que se observam entre as duas *Crónicas* dos Meneses e será destas que aqui falarei⁵.

Começarei apenas por referir alguns aspectos relativos à *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* que me parece oportuno relembrar para dar o enquadramento necessário ao tratamento da relação entre os dois textos. Não conhecemos hoje a totalidade desta *Crónica* final de Zurara – todos os sete manuscritos de que temos informação se encontram incompletos. O truncamento do texto deve-se, segundo DINIS, 1948, 453, às lacunas materiais do mais antigo e também mais completo (520 ANTT) e ainda à acção da censura. Mas o estudo da transmissão manuscrita terá de ser retomado, para assentar em bases mais seguras estas conclusões. O mais recente editor do texto, Larry King, nada acrescenta, infelizmente, às observações de DINIS, 1948 e 1949, tendo-se ocupado exclusivamente do Manuscrito que edita. É difícil, naturalmente, calcular com exactidão a extensão do texto em falta, correspondente a cerca de 39 Capítulos completos e parte de outros 20, para um total de cerca de 156.

Sobre a redacção do texto sabemos que terá sido encomendada por Afonso V em 1464, segundo se deduz de passagem do Cap. I do próprio texto (KING, 1978, 44), na qual se refere que a encomenda teria tido lugar logo após a morte do biografado, que se julga ter ocorrido naquela data⁶. Não dispomos de indicações exactas para as datas em que a redacção se terá iniciado nem concluído – a parte final, onde estaria o *explicit* com esta última indicação, é um dos muitos passos em falta em todos os manuscritos conhecidos – calculando-se, no entanto, que o texto estaria pronto em 1468 ou pouco depois, quando o próprio Zurara regressou de África onde se deslocara, a seu pedido, para coligir elementos para a redacção desta *Crónica*.

A relação entre os dois textos no aspecto que aqui me ocupa, que é o da sua coincidência parcial, explica-se facilmente tendo em conta a temática e economia interna de cada uma das obras. O primeiro narra os factos ocorridos em Ceuta até 1437, data da morte de D. Pedro de Meneses. Mas já em 1432, quando D. Pedro se desloca ao reino, deixa o filho como capitão de Ceuta em seu lugar. E mesmo depois de regressar a África, é a D. Duarte que vai confiando cada vez com maior frequência o comando das investidas, de maior ou menor envergadura, contra as localidades circundantes, até que o próprio D. Pedro deixa definitivamente de participar directamente nos feitos guerreiros⁷. Esta transmissão para o filho D. Duarte do comando das operações deve ter sido causada quer pela idade do pai, quer, muito provavelmente, segundo se deduz de vários passos das duas *Crónicas*, pela sua vontade de que o filho, embora ilegítimo, lhe sucedesse na capitania da cidade. Apesar de a sucessão não ter vindo a concretizar-se, os feitos de D. Duarte já narrados na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (porque efectivamente se enquadravam cronologicamente na sua capitania) serão retomados na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, precedendo, portanto, a narrativa dos factos posteriores de Alcácer. Fica assim explicada a repetição dos episódios narrados em ambas as *Crónicas* e que abrange os capítulos finais da primeira e os iniciais da segunda.

Esta repetição foi já notada por Ernesto do Canto (CANTO, 1879), que com razão estranha o facto de Corrêa da Serra, a quem devemos as primeiras edições destes dois textos, nada dizer sobre o facto na sua "Introdução às Chronicas de Gomes Eannes de Zurara" (SERRA, 1792, 207-212). Já a aparente convicção de Canto de que as "falhas" da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* pudessem ser preenchidas com os passos correspondentes da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*⁸, não tem senão fundamento, como a seguir mostrarei, relativamente a uma extensão diminuta do texto (isto é, se levarmos em consideração a enorme extensão afectada pelas lacunas e também a enorme importância histórica que teriam alguns dos passos em falta). Avança ainda o mesmo autor (*ibid.*, 50-51) que os passos coincidentes poderão permitir algumas "correções" de "incorreções e lapsos dos copistas, ou por acaso do autor", mas, de acordo com os poucos exemplos que refere, é sempre ao texto cronologicamente anterior que atribui maior correcção. Sem um estudo rigoroso das eventuais relações entre manuscritos das duas obras, nada se poderá, desde já, avançar nesta matéria. Não resisto, porém, a juntar aqui uma nota: se de um determinado ponto de

vista fazem sentido as observações de Canto (o texto redigido primeiro veicularia a lição “mais autêntica”, que o segundo, ao recopiar e refundir transmite introduzindo-lhe “erros”), vão contra as aparentemente generalizadas convicções dos poucos estudiosos de Zurara, que atribuem à *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* maior fidedignidade, pelo facto de o autor ter procurado recolher directamente, quer dizer, *in loco*, parte das suas fontes (é o caso de DINIS, 1948, 429, que considera esta *Crónica* “uma das obras mais valiosas e verdadeiras de Gomes Eanes de Zurara”). Mas trata-se, evidentemente, de perspectivas diferentes de “autenticidade” – da fonte histórica em si, e dos textos que a transmitem.

A Ernesto do Canto se deve, pois, o primeiro trabalho de confronto entre as duas *Crónicas*, feito a partir das únicas edições então existentes (SERRA, 1792 e 1793), e segundo o qual existirá “concordância” entre treze Capítulos “iguais ou semelhantes, no todo ou em parte”. A sua conclusão é de que na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* terá “o autor modificado a redacção, mais na forma que no assunto” (*ibid.*). Os estudiosos que posteriormente se ocuparam desta questão mais não fizeram até hoje que citar ou reproduzir (é o caso de DINIS, 1949, 149) os dados a que Canto chega. Comecei por retomar esse trabalho, refazendo de forma mais pormenorizada uma tabela que representa as relações entre as partes comuns dos dois textos, e que vem ainda completar, com a anotação de passos comuns às duas *Crónicas* não assinalados por Canto, os resultados do confronto feito por este autor.

As relações entre os dois textos não são sempre do mesmo tipo. Assim, numa primeira abordagem, necessariamente simplificada, começo por assinalar apenas o “texto comum”, definido este de forma muito abrangente – aqui incluo todos os passos em que as duas *Crónicas* tratam o mesmo assunto, o que corresponde mais concretamente, na maior parte dos casos, à narração de um mesmo episódio.

O confronto apresentado no Quadro I, em anexo, é feito por Capítulos e localizadas as passagens comuns nas páginas e fólios, respectivamente, para a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (CPM)*, do Manuscrito 439 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e para a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses (CDM)* do Códice 520 (Livreria) do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Os números que se seguem à indicação “ed.” referem-se às edições utilizadas, BROCARD, 1994 e KING, 1978. Para dar uma ideia mais aproximada das diferenças de estrutura das duas *Crónicas*, acrescentaram-se ainda indicações sobre as partes não comuns, que são dadas entre parênteses rectos. As lacunas de *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* são indicadas entre ângulos e as coincidências conjecturais, relativas àquelas lacunas, são precedidas de (?). Em resumo, assinalam-se partes comuns entre dezasseis Capítulos de *CPM* e quinze de *CDM*, excluindo as coincidências conjecturais, que se limitam a um Capítulo comum e parte de um outro.

Uma das ideias de que parti nesta minha contribuição foi a de que a natureza da variação só pode ser determinada a partir da análise, em concreto, das tradições ou das relações entre tradições concretas, evitando generalizações. A relação entre estas duas *Crónicas* de Zurara constitui um exemplo bem elucidativo

da possibilidade de encontrarmos tipos de variação muito diversificados na relação intertextual. Desde que, partindo de uma colação sistemática, começamos a procurar restringir a noção de “texto comum”, deparam-se-nos, de facto, casos muito diferentes e, em consequência, com diferente relevância em função dos objectivos definidos para os estudos em vista.

Na impossibilidade evidente de apresentar aqui toda a complexidade de relações que se estabelecem entre os dois textos (só patente numa confrontação exaustiva lado a lado dos dois textos), procurarei esquematizar e sintetizar essas relações.

Apresentam-se-nos, em primeiro lugar, os casos de diferente organização textual – como casos extremos deste género de relação intertextual, temos aqueles, visíveis já no quadro apresentado (Quadro I), em que as grandes unidades textuais por excelência deste tipo de texto, isto é, os capítulos, não são coincidentes. Refiro-me aqui àqueles casos em que o texto comum assinalado não coincide com estas unidades, em que a concordância não pode, portanto, ser feita capítulo a capítulo e, em particular, àqueles em que os passos comuns são intercalados com passos não comuns (v., por exemplo, os Caps. V, VI e VII de CDM relativamente aos Caps. XXIV, XXV, XXVI e XXVII de CPM. Mas esta é apenas a faceta mais visível da variação, a que se junta toda uma complexa rede de diferenças textuais (como a referência pontual a factos e/ou personagens num texto que não ocorre no outro) e redaccionais dentro dos passos comuns assinalados. Podemos aqui falar propriamente de variação/refundição. O texto cronologicamente anterior terá funcionado como fonte (no sentido histórico do termo) sujeita a novo processo redaccional (eventualmente com recurso a outras fontes) decorrente da diferente economia interna da nova obra.

Além destes casos, de extrema complexidade, em que o próprio levantamento exaustivo das variantes se revela difícil⁹, outros se nos deparam. Refiro-me àqueles em que as grandes unidades textuais são coincidentes e em que não ocorrem omissões ou acrescentamentos assinaláveis. Ainda aqui, porém, há grandes diferenças a assinalar em termos do tipo de relação entre os dois textos. Apresento dois exemplos (Quadros II e III em anexo) que permitirão verificar, em concreto, tipos diferentes de relação intertextual.

Os quadros apresentam, a negro, as variantes, cujo levantamento foi feito a partir das edições, respectivamente, de BROCARDI (1994) e KING (1978). O contexto em que ocorrem é transcrito apenas quando indispensável para uma compreensão da natureza da variação. Na coluna referente à *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (CPM)* acrescento ainda, em nota, as variantes de um outro Manuscrito do mesmo texto¹⁰, para que se possa de algum modo fazer uma dupla comparação – entre as *variantes intertextuais* e entre as *variantes intratextuais*¹¹.

Consideremos em primeiro lugar o resultado do confronto dos capítulos XXX de CPM e X de CDM (Quadro II). A colação revela algumas variantes que abrangem unidades textuais de extensão ainda considerável, e em que a informação transmitida é ainda sensivelmente afectada (v., por exemplo, as variantes com os números 23, 36, 37, 38). Encontramos ainda aqui um número considerável de variantes (2, 12, 19, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 42, 47, 49, 51) que se

traduzem pela alternância entre presença / ausência de sequências, embora estas não sejam muito extensas e a informação transmitida não seja efectivamente afectada de forma muito sensível. No entanto, estamos ainda perante um caso de variação intertextual típica, no sentido em que a variação assinalável entre os dois textos terá sido admissivelmente gerada por um processo não exclusivamente de cópia, sendo, porém, já menos evidentes as marcas de uma nova redacção e ainda menos de uma refundição.

O quadro III (Caps. XXXV de *CPM* e XIV de *CDM*) mostra-nos resultados bem diferentes. Todas as variantes assinaladas no confronto entre estes capítulos são idênticas às que encontramos entre manuscritos de uma mesma tradição textual, isto é, às variantes tipicamente geradas pelo próprio processo de transmissão por cópia manuscrita. É de notar, aliás, a coincidência razoavelmente frequente entre as variantes intertextuais e as variantes intratextuais assinaladas entre dois manuscritos de *CPM* (sobre o significado desta coincidência nada poderei adiantar, obviamente, sem um colação mais exaustiva e sistemática entre os diversos manuscritos das duas tradições, e mesmo as eventuais conclusões a retirar dos resultados de um trabalho desse tipo terão de ser cuidadosamente ponderadas tendo em conta as características dos testemunhos conservados). Mas o que pretendo aqui salientar é a semelhança em termos tipológicos e não uma coincidência efectiva cuja relevância para o estabelecimento de uma relação entre as duas tradições é para já impossível avaliar. Todas as variantes assinaladas neste Capítulo se enquadrariam, sem excepção, numa tipologia como a que propus para a descrição das variantes assinaladas no confronto de dois manuscritos da *CPM* (BROCARDO, 1994, 195-302). Esta tipologia foi construída a partir da descrição das variantes concretas tendo em conta, quer a forma como a “informação” transmitida pelo texto é afectada (que levou à distinção de variantes cuja alternância afecta, embora quase sempre de forma superficial, a informação transmitida, variantes textuais) quer a incidência em termos linguísticos da variação (variantes morfológicas, sintácticas, lexicais, etc.).

Em artigo recente Jean Roudil retoma a distinção que já propusera entre camadas intratextuais e intertextuais (ROUDIL, 1993-1994, 134) e resume a natureza das relações que se estabelecem numas e noutras: “J’ai établi ailleurs (...) une distinction entre couches intra-textuelles – (où le texte se copie et se re-copie) – et intertextuelles – (où le texte se dit et se re-dit)”. O que aqui pretendi ilustrar foi justamente que a distinção não permite determinar *a priori* o tipo de variação (a sua natureza e, em consequência, a sua relevância) gerada num e noutra caso (o que os trabalhos de Roudil têm, de resto, bem demonstrado – v., em particular, ROUDIL, 1989-1990).

Se há uma generalização possível relativamente à variação na transmissão textual, ela consiste apenas na constatação da sua omnipresença – o “grau de variabilidade” (a expressão é de CERQUIGLINI, 1989, 62) será eventualmente previsível em função do tipo de texto, mas é apenas determinável com rigor em presença das tradições textuais concretas. Para algumas tradições textuais poderão ser adequadas observações como “Cette variance de l’oeuvre médiévale romane est si générale et constitutive que, confondant ce que la philologie distingue

soigneusement, on pourrait dire que chaque manuscrit est un remaniement, une version." (CERQUIGLINI, 1989, 62). Noutros casos, porém, poderia dizer-se, invertendo os termos, que "versões" diferentes (porque integradas em tradições distintas) são apenas "cópias", o que não implica de modo algum que as variantes geradas sejam de menor relevância. O que me parece importante notar é justamente que a relevância da variação gerada pela transmissão textual não é função do "grau de variabilidade" – essa relevância dependerá sempre dos objectivos do estudo. E as variantes tipicamente geradas pelo processo de cópia são muitas vezes as mais interessantes para estudos linguísticos.

Anexo

Quadro I - Partes comuns à CPM e à CDM

CPM	CDM
Livro II, Cap.XXII [Introdução do Cap.] Texto comum: até c. do meio do Cap.: pp.542-547 (ed.637-640) [Todo o resto do Cap.]	Cap.IV [A parte inicial do Cap. não é comum mas resume aspectos referentes a D. Duarte que se encontram dispersos noutros pontos de CPM] Texto comum: até ao fim do Cap.: fols.9r-11r (ed. 52-55)
[Cap. XXIII] e quase todo o XXIV]	[Apenas o per. introdutório do Cap.V]
Cap.XXIV Texto comum: apenas poucas linhas da parte final do Cap., p.555 (ed.644)	Cap.V Texto comum: parte inicial do Cap., fol. 11v (ed.55)
Cap.XXV [Introdução] Texto comum: pp.556-563 (ed.645-649) [Refere outros aspectos na sequência do episódio narrado, p.563 (ed.649)] Texto comum: final do Cap., p.564 (ed.650)	Cap.V (a intr. deste Cap. é a parte comum acima) Texto comum: fols.11v-15v (ed.55-61) Texto comum: imediatamente na sequência do anterior: fols.15v-16r (ed.61)
Cap.XXVI Texto comum: algumas linhas que são o início do Cap., p.565 (ed.650) [Todo o resto do Cap.]	Cap.V (cont.) [Apenas algumas linhas] Texto comum: algumas linhas que são o final do Cap., fol.16r (ed.61-62)
Cap.XXVII Texto comum: a parte inicial do Cap., pp.567-569 (ed.651-652)	Cap.VI Texto comum: todo o Cap., fols.16r-17v (ed.62-64)
Cap.XXVII (cont.) Texto comum: apenas algumas linhas, na sequência do anterior, p.569 (ed.652) [O resto do Cap.]	Cap.VII [a parte inicial do Cap.] Texto comum: algumas linhas no fol.18v (ed. 65) [O resto do Cap.]
Cap.XXVIII Texto comum: todo o Cap., pp.572-577 (ed.654-657)	Cap.VIII Texto comum: todo o cap., fols.20r-23r (ed.67-72)

ACTAS DO XII ENCONTRO DA APL

Cap.XXIX Texto comum: todo o Cap., pp.578-581 (ed.657-659)	Cap.IX Texto comum: todo o Cap., fols.23r-24v (ed.72-74)
Cap.XXX Texto comum: todo o Cap., pp.581-584 (ed.659-661)	Cap.X Texto comum: todo o Cap., fols.24v-26v (ed.74-77)
Cap.XXXI Texto comum: todo o Cap., pp.585-586 (ed.662)	Cap.XI Texto comum: todo o Cap., fols.26v-27v (ed.77-78)
Cap.XXXII Texto comum: todo o Cap., pp.586-590 (ed.663-665)	Cap.XII [A introdução do Cap., apenas algumas linhas, em que se refere na generalidade a acção de D.Duarte no Norte de África] Texto comum: todo o restante Cap., fols.27v-29v (ed.78-82)
[Cap.XXXIII, que, referindo um episódio em que não é mencionada a participação de D. Duarte, não consta de CDM. Pp.591-594 (ed.665-667)]	
Cap.XXXIII Texto comum: todo o Cap., pp.595-600 (ed.667-670)	Cap.XIII Texto comum: todo o Cap., fols.29v-32r (ed.82-85)
Cap.XXXV Texto comum: todo o Cap., pp.600-611 (ed.670-677)	Cap.XIII Texto comum: todo o Cap., fols.32r-36v (ed.86-92)
	[Cap.XV, que narra intrigas feitas a D.Duarte por sua irmã D.Lianor. Fols.36v-38v (ed.92-95)]
Cap.XXXVI [A parte introdutória é sensivelmente diferente] Texto comum: todo o restante Cap., pp.612-616 (ed.677-679)	Cap.XVI [A parte introdutória é sensivelmente diferente] Texto comum: todo o restante Cap., fols. 39r-40v (ed.96-98)
Cap.XXXVII Texto comum: a parte do Cap. que existe em CDM, pp.616-621 (ed.679-682)	Cap.XVII (incompleto) Texto comum: a parte do Cap. existente nesta Crónica, desde o início, no fol.40v, até 43r (ed.98-102)
[As linhas finais da p.621 têm texto sensivelmente diferente, mas sobre o mesmo assunto] (?) Texto comum: é de admitir que o restante texto do Cap., até à p.624 (ed.683), fosse comum ao texto em falta em CDM	[As linhas finais do fol.43r têm texto sensivelmente diferente, mas sobre o mesmo assunto] <(?) Texto comum: o restante texto do Cap., em falta> (a lacuna inicia-se a seguir ao fol.43r e vai até à parte final do Cap.XXI)
Cap.XXXVIII (?) Texto comum: todo o Cap., pp.624-631 (ed.684-687). A coincidência é, obviamente, conjectural, mas plausível - o assunto do Cap. é relativo a D. Duarte. No entanto, este Cap. poderá corresponder a um dos outros Caps. em falta em CDM, XIX ou XX, mas não XXI, de que só se conserva a parte final, que não existe em CPM.	<Cap.XVIII> <(?) Texto comum: todo o Cap.>
	[<Cap.XIX>]
	[<Cap.XX>]

CRÓNICAS DE ZURARA

	[Cap.XXI, de que apenas se conserva a parte final]
Cap.XXXIX Textocomum: todo o Cap., pp.631-637 (ed.688-691)	Cap.XXII Textocomum: todo o Cap., fols.44v-47r (ed. 103-106)
Cap.XL Textocomum: só a parte inicial do Cap. e mesmo esta com texto sensivelmente diferente, pp.637-638 (ed.691) [O resto do Cap., que é o final da Crónica. Termina na p.641 (ed.693)]	Cap.XXIII Textocomum: todo o Cap., que é mais curto nesta Crónica, fols.47r-47v (ed. 106-107)

Quadro II - Confronto do Cap. XXX (Livro II) de CPM com o Cap. X de CDM

1. Capitolo XXX como Dom Duarte foi tomar o gado d'Allfageja.	Capitulo .X.º Como dom Duarte foy tomar o gado dalfages
2. Como aquelles que ham os animos grandes e alltos o pemsamento nunca daa lugar que possam pemsar ¹² em outras cuydações quanto pera rreçeberê comprida follgamça,	[C] omo aaquelles que hã os animos grandes e altos o pensamento nunca da lugar que possam uagar em outras cuydações senom em feitos dignos de honra quanto pera rreçeberem comprida folgança
3. assy como fazia a este nobre mamçeebo	assy como fazya a dom Duarte
4. E assy trazia os adays e allmocadês ajumtados assy per benefícios e favor	o que lhe fazya trazer os adaijs e allmocadeens assy ajunrados per benefícios como favor
5. E tanto amdarão per suas emculcas	E tanto amdarom com suas spias
6. os mouros d'Allfageja	os mouros de hum lugar daquella serra
7. em que emtemdiam fazer ¹³ gramde festa	em que se dezya que auyam de fazer grande festa
8. assy o noivo como a noiva	assy o noivo como a esposa
9. heram filhos de mouros que aviam boas fazemdas e bõos ¹⁴ parentes	eram filhos de mouros de grandes fazendas e parentado
10. E soube aynda como todo seu gaado andava fora da aldeia e a mayor parte hera no campo	E ssouberom isso meesmo como a mayor parte de seu gaado andaua no campo
11. Este ¹⁵ sagredo callou dom Duarte, que o nõ disse a nenhũa pessoa	Este segredo guardou dom Duarte que o nom quis dizer a nenhuma pessoa
12. como ovio missa	como ouuyo missa que foy hum pedaço mais cedo do que soya
13. e sayo fora da cidade	e assy sem comer sayu fora da cidade
14. sã comer, se foy ao Castellejo	E assy encaminhou uya do castelleio
15. omde disse a todos como sua emtção hera de hir tomar aquellas vacas	onde declarou a todos a tençom que leuaua
16. que nos nõ averemos nenhũa torva	que nos somos scusados de torua
17. ho senhor comde, meu padre	o Senhor conde meu Senhor
18. pera o ajudardes e emparardes	pera o ajudardes a emparar
19. disseram aquelles fidallgos, espiçiallmente Affomso da Cunha	disse Affomso da cunha

20. fallardes vos ã semelhamte	despenderdes tempo em semelhamte
21. Pois vos sabeis que estaes amtre gemtes de vossa propia nação	pois sabees que estaaes antre gente de uossa propria naçom e criaçom
22. e que não está aquy pera ¹⁶ outra cousa senã pera servir e mereçer homrra, e, ou de parêtes de vosso padre, ou de criados, ¹⁷ nã vos escapã aquy nenhñs	e que ainda os mais delles som criados de uosso padre. e os que o nom som. sabem que nom estam aquy a outra fim senom de seruyr em taes cousas
23. Bẽ he que vos digaes as cousas que quereis fazer, porque as saibamos primeiro, porque, posto que sejais quẽ sões, a hydade he nova, e poderá ser que vos emganareis allgũa vez, nã avemdo bõa comsyracã e maduro comselho aas ¹⁸ cousas que quiserdes fazer. E se nos virmos que sam taes que com vossa homrra e nossa podereis dellas sayr, de nos nã aveis por que duvidar ¹⁹	bem he que uos polla noua ydade que ainda teendes que uos auisees primeyro pera receberdes nosso conselho e daquelles que teendes rezom ca polla speriençya que ainda nom auces poderyees cayr em algum dampno que nom soo serya uosso mas doutros muytos
24. he cousa rrazoada	he cousa rezoada e tal que he pera cometer e acabar
25. e todolos outros apos elle	e desy os outros apos elle
26. ho lugar domde as vacas estavã, que hera demtro de hũa mata e çerca ²⁰ de hũa rribeira	o lugar onde as uacas estauam, que hera dentro em huma mata açerca de huma ribeyra
27	ca assy fora elle auysado per aquelles que spyarom a terra
28. - Ora - disse dom Duarte a allgũs daquelles escudeyros - he bem que vos deçaes a pee e que façais sahir esse gado fora d'amtre essas arvores	E ally mandou a alguuns daquelles de cauallo que se decessem a pee e que tyranse [?] o gaado fora dantre as arvores e o posessem no campo
29. E tamto que forã, mamdou a XV de cavallo que se fossẽ com ellas o mais que podessem seguyr	O qual mandou a xv. daquelles que o colhessem antre ssy e que andassem com elle o mais que podessem
30.	E que elle ficarya pera empachar aos mouros se os per uentura quisessem seguyr
31. emdereçará sua cavallgada e começará de a tanger	endereçarom sua caualgada e começaram de tanger
32. esteve ally hũa grande peça	esteue sperando
33. ate que emtemdeo que os outros hiriã jaa afastados dally	ataa que entendeo que os outros seryam ja afastados tanto spaço que aynda que os contrayros uyessem ja os nom podyam empachar que a caualgada nom fosse auante
34. e desy, vemdo como os mouros não vinhã, começou de se hir pera a cidade	E ally se começou de yr pera a cidade
35.	e os mouros nom sentyram nada de seu dampno senom sendo ja todos partidos
36. E em chegamdo a torre do Negrão, vyram estar bẽ CC mouros de pee, que se foram ally pera ²¹ ver se poderiam atalhar hos cristãos	E como sabyam a terra começaram de atrauesar aquellas serras ataa que chegarom aa torre do negram onde uyram que posto que trauassem pelleia que nom era cousa que lhe podesse trazer proueito pois o gaado era ja passado. e que lhe ficaua quando tal come-tessem as uidas em perigoo. os quaaes sseram [?] ate duzentos de pee.

CRÓNICAS DE ZURARA

37. E dom Duarte fez tamger a cavallgada e deteve-se ally, cuydamdo que os mouros quysessẽ deçer a elle pera pellejar	dom Duarte como uyo os mouros assy mandou a todos que se teuessem pera ueer se queryam decer. por que disse elle se ouuerem de trauar peleia milhor he agora que mais tarde. que as bestas ainda leuam mais força. mas os mouros nom teuerom tal cuydado ante sse tornarom chorando sua perda a qual auees de contar por muy grande pera elles por que todo sseu sustentamento esta no gaado quanto aos mouros daquellas comarcas.
38. E depois que vio que se fazia tarde e que os comtrarios tinhã mais cuydado de se defemder que doutro cometimento, ²²	dom Duarte despois que uyo que se fazia tarde e que sua caualgada serya posta em terra segura.
39. seguyo por seu caminho avamte. E chegou a çidade allegre cõ sua vitorea	enderençou caminho da cidade onde chegou allegre com sua uitorea
40. todos los que o seguyã	aquelles que o seguyam
41. espiçiallmente os que amavã seu padre	specyalmente os criados de seu padre
42. E foy o comto daquellas vacas e bõis CCCXXX	E foram achadas na cidade ij ^c R cabeças de gaado grande .s. uacas e bois. E esta aquella aldea seis legoas de cepta
43. E foy esto no anno do naçimemto de Cristo de mill CCCXXXIII, no quall anno se foy deste mundo	E foy esto no anno do nacimiento de christo de mill iiij ^c xxxiiij no qual se foy deste mundo
44. a XIII ^o dias do mes d'Agosto	a xiiij ^o dyas dagosto
45. em vespera da Virgẽ Maria	uespera da assunçom de sancta Marya
46. e em tall dia como ouverta o vemçimemto daquella gramde batalha que se fezera ²³ e Alljubarrota ²⁴ amtre elle e ell rrey dom Johan de Castella	E em tal dya ouue uencimento delRey de castella na batalha que com elle ouue acerca daljubarrota.
47. em hũa capella que elle mamdou fazer jumto com ha porta prinçipall	em huma capeella junto com a porta principal
48. E foy trazido de Lixbõa ²⁵	onde foy leuado de lixboa
49. acompanhado de çimco filhos lidimos, e hũ naturall, e dous netos	acompanhado de cinco filhos lidimos e hum bastardo e dous netos filhos daquelle
50. e de muitos senhores, e fidallos, e outra nobre gente, a mayor parte de sua criaçõ	E assy de muytos senhores e fidallos do Regno. os quaes elle pella mayor parte cryara
51. e lhe foy feito hũ muy homrrado saymemto	E foy esta trelladaçom feita com muy grande honra qual de memorea dos homeens nom foy uista semelhante

Quadro III - Confronto do Cap. XXXV (Livro II) de CPM com o Cap. XIV de CDM

1. Capitulo XXXV como dom Samcho foy a Çepta, e como foram a Tytuã, ²⁶ e como foy feito cavaleiro	Capitulo .xiiij. Como dom Sancho foy a Cepta E como foram a Tutuam E como foy feito caualleyro
2. naquelle tempo	em aquelle tempo
3. criara casy de berço.	criara caasy do berço

ACTAS DO XII ENCONTRO DA APL

4. e ã este anno	Em este anno
5. muyto estimado e ²⁷ amado	muyto amado
6. vemdo como jaa ²⁸ outros de menos vallor as fezeram ja taes	ueendo como outros de menos uallor as fezerom Ja taes
7. sagaçezas ²⁹	sajezas
8. E se ho todos tem por naçam, he ³⁰ porque todos ³¹ deçemdē	E sse o todos teem per naçom por que descen- dem
9. daquela amtiga llynhagē dos numidanos, ca foy gemte arteira e sagaz	daquella antiga linhagem dos numydyanos que foy gente arteyra e sagaz
10. e como ja leeriais	como Ja leeryees
11. ate	ataa
12. pello	pollo
13. ate	ataa
14. hera mea noite ou pouco mais	era mea noite pouco mais
15. E estando	E em estando
16. começaram de parecer	começarom daparecer
17. que se chamā adibes	a que chamam adibes
18. ouvar ³²	huyuar
19. naquella ora	em aquella hora
20. esto	isto
21. mor	mayor
22. esto	Jsto
23. as ³³ escuytas	os scuitas
24. e ³⁴ per esta maneira ã tall tempo	e per esta maneyra e em tal tempo
25. esto	isto
26. crima	clima
27. avisam-se hūs a outros	auisanse huuns aos outros
28. comvosco (em disc. directo)	com nosco
29. esto	isto
30. conselho ³⁵	boo conselho
31. lhe ³⁶	lhes
32. duvidoso	douiso [?]
33. rrezões	razoēs
34. aquy	assy
35. e a outra	a outra
36. nos avia ³⁷ de fazer	nos auyam de fazer
37. ajuda	ainda [?]
38. esto	isto
39. per domde ³⁸	per onde
40. deviais de querer	deuyees querer
41. querereis	querrerees
42. determinou de fazer aquello que dom Duarte ordenasse	(...) ordenou
43. podereis	poderees
44. todos ³⁹ sejam llogo prestes ⁴⁰ a cavallo	(...) postos (...)

CRÓNICAS DE ZURARA

45. E ymdo ⁴¹ assy	E em indo assy
46. Tytuão	Tutuam
47. lhe	lhes
48. deram ã ellas com ho comto das lamças	(...) os contos
49. nos nõ temos por agora mais que fazer ⁴²	(...) aquy mais de fazer
50. arteficio ⁴³	arteficios
51. porque se não podia ajudar de seus ymigos como elle desejava	(...) assy como (...)
52. se lhe parecia que seria bẽ	(...) sera bem
53. rrezão ⁴⁴	determinaçom
54. a ⁴⁵ outra	autra [?]
55. saberdes mais deste feito do que eu	(...) que eu
56. pello	pollo
57. pratyçado	pratido [?]
58. fossẽ (a gente)	fosse
59. sê torva nõ pejo ⁴⁶	sem peio nem torua
60. omde jaa estavã todollos mouros	(...) estaua (sic) (...)
61. pello	pollo
62. nõ avia cousa	nom auya hy cousa
63. pois que aquy temos	pois aquy teemos
64. que os vinhã ladiamdo ⁴⁷	(...) ladrando
65. A passagẽ	Passagem
66. ate	ataa
67. hos primeiros metyã assy os cavallos ousadamente ⁴⁸	os primeyros metyam assy os caualllos ousadamente a nado
68. aproveitar	aprouar [?]
69. e assy como hiam saymdo assy hiam de rrosto aos comtrarios	assy como hyam de rostro aos contrayros
70. naquelle dia	em aquelle dia
71. se esforçava mais pera o fazer melhor	(...) pera mais o fazer melhor
72. temiã ser	temyam de seer
73. e ⁴⁹ afastavã-se	afastauanse
74. deyxarã	leixarom
75. os corpos dos mortos ⁵⁰	(...) mouros
76. os cavalos ⁵¹	os de cauallo
77. fizeram muito per suas homrras	(...) de suas honras
78. sem se poder dezer de nenhũ ⁵²	sem se poder de nenhuum dizer
79. prouve	aproue
80. rreçebey	recebee
81. façais aymda	ainda façaes
82. disse que lhe agradeçia ⁵³ muito	(...) lho (...)
83. forais (v. ser)	forees
84. allẽ da que elle trazia ⁵⁴ de	aallem que trazya de [?]
85. quã allegrememte	qual [?] (...)
86. por alcunha	e per (...)
87. Bulle Bullibu ⁵⁵	bully bully

NOTAS

- ¹ V., por exemplo, STUSSI, 1992, 201, que refere “il normale effetto perturbatore dipendente dal processo di copiatura”.
- ² É a ideia que perpassa todo o ensaio do autor sobre este tema, mas veja-se, só como um entre muitos exemplos, esta passagem: “(...) la production d’un surplus de texte et de sens est constitutive de l’écriture médiévale en langue maternelle.” (CERQUIGLINI, 1989, 79).
- ³ É uma das críticas expressas na recensão de STUSSI, 1992, 201 ao ensaio de Cerquiglini já citado.
- ⁴ A distinção entre “couche intratextuelle” e “couche intertextuelle” é proposta em ROUDIL, 1989-1990, 279-280.
- ⁵ Sobre este mesmo assunto apresentei já uma pequena comunicação no Congresso de homenagem a Jean Roudil, realizado em Paris em Junho de 1996. Aos dados que então apresentei acrescento agora outros, constituindo o presente trabalho uma versão diferente do texto a publicar nas Actas do referido Congresso.
- ⁶ Na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* refere-se a sua morte (Cap. CLIV, KING, 1978, 354) mas não a data em que ocorreu.
- ⁷ De acordo com o texto da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Cap. XXXIII do Livro II (BROCARD, 1994, 667).
- ⁸ Esta convicção é partilhada por Dias Dinis, que chega a afirmar “É possível que minucioso confronto das Crónicas de D. Pedro e de D. Duarte de Meneses venha a diminuir, ao menos substancialmente, as lacunas precedentemente apontadas na segunda daquelas obras” (DINIS, 1948, 447).
- ⁹ Este levantamento só poderia ser feito com maior rigor seguindo uma metodologia adequada, como a proposta por Jean Roudil (resumida em ROUDIL, 1994-1995, 134), que assenta na definição prévia de “unidades temáticas” depois estudadas nas suas relações semânticas, de organização e de realização. Mas esta metodologia, concebida para textos jurídicos, teria de ser adaptada, ou mesmo inteiramente reformulada.
- ¹⁰ Trata-se do Manuscrito 146.B.7 da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (G), de princípios do séc. XVI, cujas variantes estudei (BROCARD, 1994, 195-302) mas relativamente a outra parte do texto.
- ¹¹ Na coluna referente a CDM, as indicações “sic” são as da edição respectiva, mas acrescentei “[?]” para assinalar formas que, não tendo aquela indicação em KING, 1978, poderão corresponder a lapsos do copista não corrigidos (mas que, segundo o critério do editor, deveriam ter sido assinalados) ou, eventualmente, a gralhas da edição.
- ¹² pemsar] G: “vagar”.
- ¹³ emtemdiam fazer] G: “entendiam de fazer”.
- ¹⁴ bõos] G: “muitos”.
- ¹⁵ Este] G: “E este”.
- ¹⁶ pera] G: “por”.
- ¹⁷ criados] G: “criados e servidores”.
- ¹⁸ aas] G: “nas”.
- ¹⁹ duvidar] G: “cuidar nē duvidar”.
- ²⁰ e çerca] G: “açerca”.
- ²¹ pera] G: “por”.
- ²² que doutro cometimemto] G: “que de fazer outro cometimçto”.
- ²³ fezera] G: “fez”.
- ²⁴ Alljubarrota] G: “Aljibarrota”.
- ²⁵ de Lixbõa] Om. em G.
- ²⁶ Tytuã] G: “Tutuão”.
- ²⁷ estimado e] Om. em G.
- ²⁸ jaa] Om. em G.
- ²⁹ sagaçezas] G: “sagezas”.
- ³⁰ he] Entrel.
- ³¹ todos] Om. em G.
- ³² ouvar] G: “huyvar”.

- 33 as| G: "os".
 34 e| Om. em G.
 35 conselho| G: "bom conselho".
 36 lhe| G: "lhes".
 37 avia| G: "aviam".
 38 domde| G: "onde".
 39 todos| Om. em G.
 40 prestes| G: "postos".
 41 ymdo| G: "em yndo".
 42 mais que fazer| G: "aqui mais que fazer".
 43 artefício| G: "artefícios".
 44 rrezão| G: "terminaçom".
 45 a| Om. em G.
 46 sê torva nê pejo| G: "sem pejo nem torva".
 47 ladiamdo| G: "ladrando".
 48 metyã assy os cavallos ousadamemte| G: "metiam assy os cavallos ousadamente a nado".
 49 e| Om. em G.
 50 mortos| G: "mouros".
 51 os cavalos| G: "os de cavallo".
 52 dezer de nenhũ| G: "de nenhum dizer".
 53 lhe agradeçia| G: "lho gradeçia".
 54 allê da que elle trazia| G: "allê daquela que trazia".
 55 Bulle Bullibu| G: "Buly Buly".

BIBLIOGRAFIA

- BROCARD, Maria Teresa, 1994, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa - FCSH (diss. de doutoramento)
 1995, "As variantes como objecto de estudos linguísticos diacrónicos", comunicação ao XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza, Palermo, 18-24 Setembro
 CANTO, Ernesto do, 1879, "Notas bibliográficas II", *Boletim de Bibliografia Portuguesa I*, Coimbra
 CERQUIGLINI, Bernard, 1989, *Éloge de la variante. Histoire critique de la Philologie*, Paris, Éditions du Seuil
 1989-1990, "La paraphrase essentielle de la culture scribale", *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 14-15, Séminaire d'Études Médiévales Hispaniques de l'Université de Paris-XIII, Paris, Klincksieck, p.9-16 (versão adapt. de parte do texto anterior)
 DINIS, António J. Dias, 1948, "Capítulo inédito da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*", *Biblos* XXIV, Coimbra, p. 421-461
 1949, *Vida e obras de Gomes Eanes de Zurara*, Introdução à *Crónica dos Feitos de Guiné*, I, Lisboa, Agência Geral das Colónias
 KING, Larry, 1978, *Gomes Eanes de Zurara. Crónica do Conde D. Duarte de Meneses. Edição diplomática*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
 PEREIRA, Francisco Maria Esteves, 1915, *Crónica da Tomada de Ceuta por el Rei D. João I composta por Gomes Eanes de Zurara, segundo os Manuscritos n.ºs 368 e 355 do Arquivo Nacional*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
 ROUDIL, Jean, 1989-1990, "De la latence conceptuelle à l'expression discursive multiforme", *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 14-15, Séminaire d'Études Médiévales Hispaniques de l'Université de Paris-XIII, Paris, Klincksieck, p.277-308.
 1993-1994, "Le vouloir dire et le dit. Tradition partagée et originalité dans la littérature juridique espagnole du XIII^e siècle", *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 18-19, Séminaire d'Études Médiévales Hispaniques de l'Université de Paris-XIII, Paris, Klincksieck, p.133-167.

- SERRA, José Corrêa da, 1792, *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes escrita por Gomes Fannes de Zurara Chronista Mór de Portugal, e Guarda Mór da Torre do Tombo, Collecção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, II, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, p. 205-635.
- 1793, *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes escrita por Gomes Fannes de Zurara Chronista Mór de Portugal, e Guarda Mór da Torre do Tombo, Collecção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, III, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, p.7-385.
- STUSSI, Alfredo, 1992, Recensão a CERQUIGLINI, 1989, *Zeitschriř für Romanische Philologie*, 108, 1/2, Tübingen, p.199-202 .